

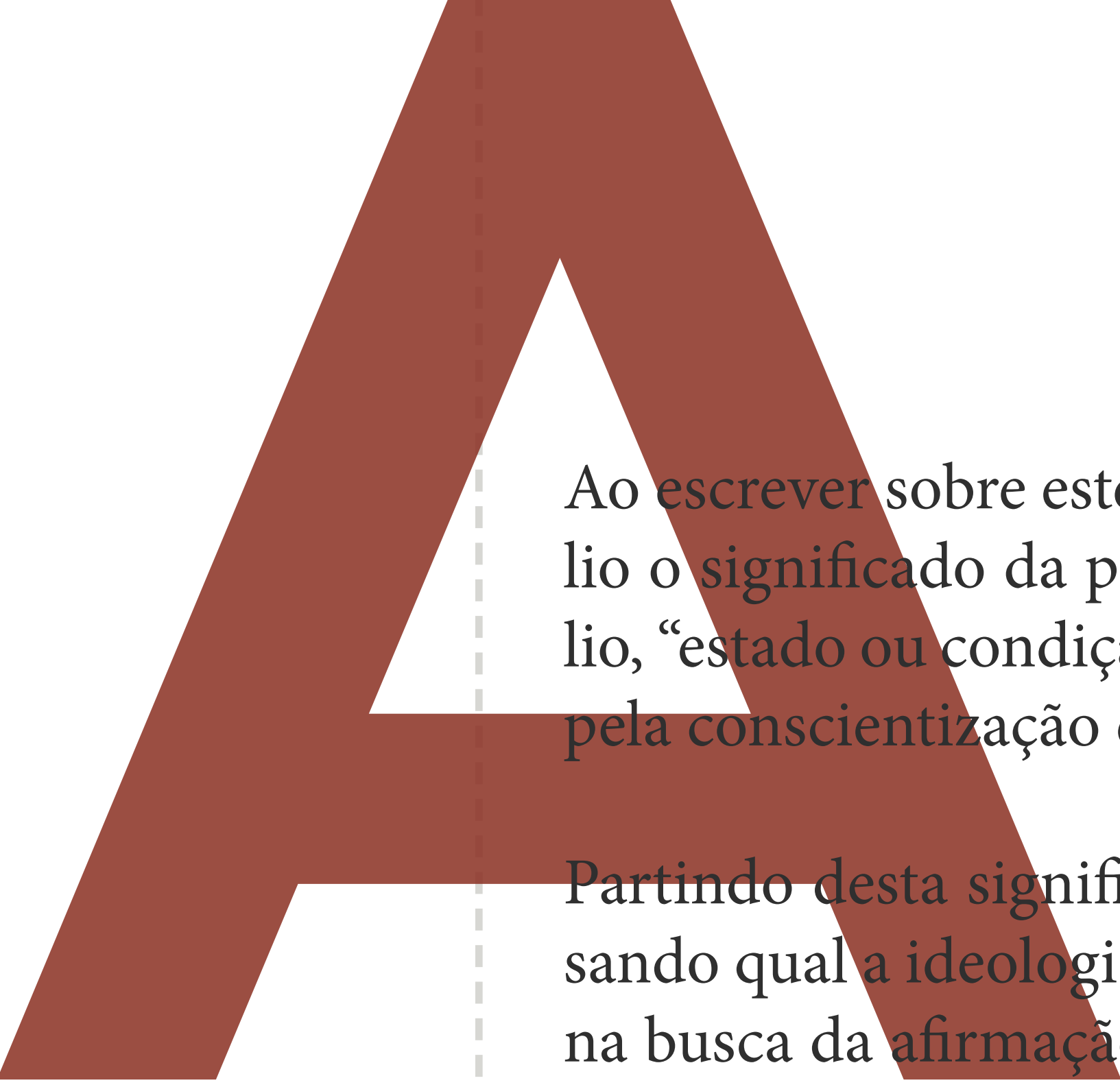


Expressão cultural afro-brasileira composta por elementos musicais e por movimentos corporais. Possui duas grandes vertentes: a angola e a regional.

CAPOEIRA E NEGRITUDE

Paulo Henrique Menezes da Silva
Mestre Paulão Kikongo

Mestre de Capoeira. Doutorando em Memória Social pelo PPGMS/UNIRIO. Mestre em Patrimônio, Cultura e Sociedade pelo PPGPACS/UFRRJ. Especialista em Patrimônio, Direitos Culturais e Cidadania pelo NDH/UFG. Especialista em Cidades, Políticas Urbanas e Movimentos Sociais pelo IPPUR/UFRRJ. Pesquisador do Observatório do Patrimônio Cultural do Sudeste FAPERJ/PPGMS/UNIRIO. Graduado em Direito pela Universidade Cândido Mendes.
paulomenezes@edu.unirio.br



Ao escrever sobre este assunto, Capoeira e Negritude, fui buscar no Aurélio o significado da palavra NEGRITUDE. Negritude é, segundo o Aurélio, “estado ou condição das pessoas da raça negra. Ideologia caracterizada pela conscientização e afirmação dos valores da raça negra”.

Partindo desta significação e trazendo-a para a nossa capoeira, fico pensando qual a ideologia e qual a conscientização dos militantes da capoeira na busca da afirmação dos valores da raça negra. O que tenho percebido, através de minha militância no Movimento Social Negro, é uma grande ausência dos militantes da Arte Afro-brasileira da Capoeiragem nos diversos assuntos relacionados às Culturas Negras, com raras exceções, é claro.

Poderia citar como exemplos dois grandes encontros de que participei representando a nossa capoeira anos atrás, quando pude perceber como muitos capoeiristas que atuam na área passam ao largo na hora de discutir estas questões.

O primeiro evento foi o 1º Encontro Nacional de Entidades Negras, ocorrido de 14 a 17 de novembro de 1991, no Pacaembu - São Paulo, que teve como texto básico “Avaliação, Concepção, Desafios e Perspectivas do Movimento Negro”, quando a participação da capoeira foi muito pequena. Naquele evento participaram, entre outros, representando a capoeira: Mestre Ananias, de São Paulo; eu, Mestre Paulão Kikongo (na época contrames-tre), Mestre Formiga e mais alguns capoeiristas representando o estado do Rio de Janeiro; Mestre Cabral, representando o estado do Espírito Santo; e mais um grupo pequeno de capoeiristas representando outros estados. Neste encontro, foi discutido, entre outros assuntos, qual deveria ser o papel do Mestre de Capoeira na defesa das Culturas Negras. Mas o tema mais discutido, por incrível que pareça, foi qual deveria ser a cor das gradações da capoeira, tendo quem defendesse, inclusive, que as cores dos cordéis/cordas deveria ser a cor utilizada pelo Congresso Nacional Africano (verde, vermelha, amarela e preta).

Outro momento importante para a nossa capoeira foi a realização, de 30/06

a 02/07/2005, em Brasília, da 1ª Conferência Nacional de Promoção da Igualdade Racial cujo tema foi “Estado e Sociedade Promovendo a Igualdade Racial”, em que também houve uma pequena representação da capoeira. Só para vocês terem uma ideia, eu, Mestre Paulão Kikongo fui o único capoeirista, em todo o estado do Rio de Janeiro, a participar das conferências municipal, estadual e nacional de Promoção da Igualdade Racial, na qual representei, dentro outros, o estado do Rio de Janeiro.

Podemos perceber, nestes eventos, que precisamos nos aprofundar nas discussões relativas às Culturas Africana e Afro-brasileiras em nosso país. Os anos se passaram e ainda muitos capoeiristas continuam ignorando, em sua grande maioria, a influência das Culturas Africanas em nossa sociedade e em particular na capoeira. Poderia citar como exemplo as músicas da capoeira ainda hoje cantadas nas rodas. Muitas perderam totalmente os seus significados. As músicas de protesto, de escárnio, entre outras, são raríssimas de serem ouvidas hoje nas rodas. As ladainhas de capoeira, que atravessaram séculos e marcaram o canto de dor, de resistência e de esperança dos oprimidos de nossa nação, não são mais cantadas. Aqueles e aquelas que atuam ministrando aulas de capoeira precisam recuperar, através de suas aulas, a autoestima e a identidade étnica afro-brasileira. Isto tem sido um dos principais objetivos do Movimento Social Negro brasileiro e a capoeira precisa se inserir neste processo.

Percebemos que a maioria das pessoas envolvidas com a capoeira fica dividida entre considerar adequado ou aceitável ter presente a afirmação da negritude. A negritude sobrevive, fica subjacente, está ali no conjunto social, mas não se expressa na forma de identidade racial. Os capoeiristas precisam entender que somos um país de culturas negras e que isto desespera os racistas. Precisamos entender que além da contribuição de seu trabalho, os negros escravizados marcaram profundamente a língua, a música, a religiosidade, o modo de ser do povo brasileiro. Por isso é inaceitável o que ocorre com alguns capoeiristas pelo país afora que, por imposição de alguns segmentos, têm retirado o atabaque das rodas de capoeira.

O Estatuto da Igualdade Racial

Outro grande assunto de interesse de toda a sociedade brasileira, principalmente de nós, afrodescendentes, é o Estatuto da Igualdade Racial (Lei 12.288/2010) que tramitou durante anos no Congresso Nacional. De autoria do Senador da República, Paulo Paim, este Estatuto é em defesa daqueles e daquelas que sofrem preconceito ou discriminação em função de sua etnia, raça e/ou cor. À época dos debates para a aprovação do Estatuto da Igualdade Racial, disse o Senador Paulo Paim que:

“(…) a sua intenção, ao apresentar o Estatuto da Igualdade Racial em defesa dos que são discriminados por etnia, raça e/ou cor foi fomentar o debate contra o preconceito racial tão presente em nosso País. Sabemos que esta proposta poderá ser questionada e, conseqüentemente, aperfeiçoada para que no dia de sua aprovação se torne um forte instrumento de combate ao preconceito racial e favorável às ações afirmativas em favor dos discriminados”.

Este é um tema que será aprofundado em momento oportuno, mas deixamos aqui uma provocação aos nossos leitores e leitoras, em especial para a comunidade da capoeira, para que possamos refletir sobre a importância deste tema, cada dia mais necessário, nos debates que têm sido travados na sociedade brasileira, e, claro, a capoeira não pode se furtar de estar trazendo para as suas “rodas de capoeira” tema tão importante como este.

Lembro aqui o que disse o nosso Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, no dia 20 de novembro de 2003, em discurso na Serra da Barriga:

“(…) o trabalho de recuperação é um trabalho difícil. Não basta dar um grito, não basta fazer um discurso ou não basta uma boa tese na universidade. É preciso que as nossas crianças, na pré-escola, no ensino fundamental, no ensino médio e na universidade aprendam a verdadeira história dos negros no nosso país. Quando isso acontecer, nós teremos uma nova geração que saberá colocar quem são os verdadeiros heróis de nosso país”.

Portanto, fica lançado para nós o desafio de mudança. Pois desse jeito não ficará ruim ter samba, gostar de futebol, de candomblé e da nossa capoeira.

Terminando, gostaria de colocar à disposição de todos os capoeiristas do Brasil e do Mundo o **Hino à Negritude**, de autoria do falecido **Professor Eduardo de Oliveira**, poeta, escritor e Presidente do CNAB - Congresso Nacional Afro- Brasileiro.

HINO À NEGRITUDE

I

Sob o céu cor de anil das Américas
Hoje se ergue um soberbo perfil
É u'a imagem de luz
Que em verdade traduz
A história do Negro no Brasil
Este povo, em passadas intrépidas

Entre os povos valentes se impôs
Com a fúria dos leões
Rebentando grilhões
Aos tiranos se contrapôs

(BIS)

Ergue a tocha no alto da glória
Quem herói no combate se fez
Pois, que a página da história,
São galardões aos negros de altivez

II

Levantado no topo dos séculos
Mil batalhas viris sustentou
Este povo imortal
Que não encontra rival
Na trilha que o amor lhe destinou
Belo e forte na tez cor de ébano
Só lutando se sente feliz
Brasileiro de escol
Luta de sol a sol
Para o bem de nosso País

(BIS)

Ergue a tocha no alto da glória
Quem herói no combate se fez
Pois, que a página da história,
São galardões aos negros de altivez

III

Dos Palmares os feitos históricos
São exemplos de eterna lição
Que, no solo tupi
Nos legara Zumbi
Sonhando com a libertação
Sendo filho, também, da mãe África
Aruanda dos Deuses da Paz
No Brasil, este Axé
Que nos mantém de pé
Vem da força dos Orixás

(BIS)

Ergue a tocha no alto da glória
Quem herói no combate se fez

Pois, que a página da história,
São galardões aos negros de altivez

IV

Que saibamos guardar estes símbolos
De um passado de heroico labor
Todos numa só voz
Bradam nossos avós:
Viver é lutar com destemor
Para frente marchemos impávidos
Que a vitória nos há de sorrir
Cidadãs, cidadãos
Somos todos irmãos
Conquistando o melhor porvir

(BIS)

Ergue a tocha no alto da glória
Quem herói no combate se fez
Pois, que a página da história,
São galardões aos negros de altivez

Finalmente, quero lembrar que de 2015 a 2024 foi instituído pela ONU a Década Internacional dos Afrodescendentes. Portanto, espero que nós capoeiristas possamos refletir, sinceramente, qual tem sido a nossa contribuição para a promoção de uma sociedade mais justa, igualitária, sem qualquer tipo de preconceito, seja ele racial, social ou por questões de gênero.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Brasil. Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial. **Reunião Preparatório do Movimento Negro para o Encontro Ibero Americano do Ano Internacional dos Afrodescendentes**. Relatório, Brasília, 2011.

ONU. **2015-2024 - Década Internacional de Afrodescendentes**. Disponível em: <https://decada-afro-onu.org>. Acesso em: 20 de agosto de 2023.

AXÉ!!!!!!